



Mario Tourasse Teixeira: um educador de corpo inteiro¹²

Irineu Bicudo³

Resumo

Falo sobre a vida e a obra de Mario Tourasse Teixeira, o lógico, e o primeiro matemático de fôlego a se preocupar com a Educação Matemática em Rio Claro. Serviu, este trabalho, de texto da palestra de abertura do XI Encontro Brasileiro de Lógica Matemática, havido em Salvador, Bahia.

Abstract

This paper deals with life and work of Mario Tourasse Teixeira, a logician, and the first important mathematician concerned with Mathematical Education in Rio Claro. It was the opening lecture in the XI Brazilian Meeting of Mathematical Logic, held in Salvador, Bahia.

Desde que foi-me feito o convite para falar sobre o Mario, tenho pensado longamente no assunto. Acordei, várias vezes, no meio da noite com as idéias a embaralharem-se, tentando formar "os cubos ajustados que fazem gravuras certas na historia". Houve também pesadelos.

Entre a fonte e a boca, muita água escorre pelos vãos dos dedos. Do pensamento a palavra, muitas imagens se perdem nos desvãos da memória. Para minimizar essa perda, fiz do pensamento palavra escrita. Vou, então, com o beneplácito de todos, ler o que fui capaz de escrever sobre o Mário, esperando ser um Platão que não desmereça tão grande Sócrates. O texto esta dividido em Morte e Vida.

O tom do escrito, bastante pessoal, e, suponho, bem diferente do que se costuma escrever em ocasiões como esta.

Tive a fortuna de conviver com ele mais estreitamente do que qualquer outro de seus amigos, quase que cotidianamente, de meu primeiro dia de professor em Rio Claro, em 1966, a seu derradeiro dia, em 1993. Fui a única pessoa a estar com ele na hora de sua

¹ Digitalizado por Geraldo Lima Sobrinho, Marcelo de Carvalho Borba e Marcus Vinicius Maltempi.

² Conferencia pronunciada no XI Encontro Brasileiro de Lógica - Salvador - Bahia

³ Professor Titular do Departamento de Matemática - UNESP - Rio Claro.

morte. Não podia, portanto, deixar de ser pessoal. Por outro lado, homenageá-lo do modo convencional, ele que, em todas as circunstâncias, era absolutamente anti-convencional, seria um contra-senso, um paradoxo, o que, convenhamos, e lícito querer evitar na abertura de um Encontro de Lógica.

Peco, por fim, a compreensão de todos, caso a voz me falhe durante a leitura. Certas recordações tem o condão de embaciar as palavras. Começemos.

I

Viveu sessenta e oito anos
Como sábio e santo.
Alimentou os pássaros,
Amou as rosas, as crianças, os amigos.
E, porque venerava o trabalho,
Morreu num sábado,
Dia de descanso.

A Morte

A cena é bem conhecida. Mas precisa ser sempre recontada como o final de uma vida gloriosa, como o arrostar tranquilamente a morte por quem está consciente de ter cumprido bem sua parte nos designios da divindade.

"Naquele dia", diz Fédon, no famoso diálogo platônico, "encontramo-nos ainda mais cedo que de costume, porque na véspera, ao sair da prisão pelo entardecer, havíamos sabido que o navio sagrado retornara de Delos".

Como conhecemos, Sócrates fora condenado a morte e deveria tomar a cicuta, quando da volta do citado navio, pois, é Fédon mesmo que explica: "Segundo a tradição, é o navio no qual Teseu transportou outrora os sete moços e as sete moças que deviam ser levados à Creta. Ele os salvou e salvou a si mesmo. E assim, como a cidade houvesse feito a Apolo, segundo se diz, a promessa de enviar todos os anos uma peregrinação a Delos se daquela vez os jovens fossem salvos, desde aquele fato até ao presente continuou-se a fazer essa peregrinação ao templo do deus. Manda uma lei do país que, a partir do momento em que se começa a tratar da peregrinação e enquanto ela dura, a Cidade não seja maculada por nenhuma execução capital em nome do povo, até a

chegada do navio a Delos e sua volta ao porto".

Entretanto, chegara o dia aprazado em que Atenas sacrificaria - eterna mancha em seu passado de glória - o que não temera "tornar-se o apóstolo da liberdade moral, separado de todo dogma e de toda tradição, sem outro governo além daquele da sua própria pessoa e obediente apenas aos ditames da voz interior da sua consciência; o evangelista da nova religião terrena e de um conceito de bem-aventurança atingível nesta vida, mercê da força interior do homem e baseada, não na graça, mas na incessante tendência no aperfeiçoamento do nosso próprio ser".

Assim, os principais discípulos de Sócrates vão para junto dele, na prisão, o mais cedo que podem. Ao encontrá-lo, no dia mesmo em que morreria sob a ação do veneno, ao por do sol, Fédon diz que o que tinha sob os olhos "era um homem feliz; feliz, tanto na maneira de comportar-se como na de conversar, tal era a tranquila nobreza que havia em seu fim. E isso, de tal modo, que ele dava a impressão - ele que devia caminhar-se para as regiões do Hades - de para lá se dirigir auxiliado por um concurso divino, e de ir encontrar no além, uma vez chegado, uma felicidade tal como ninguém jamais conheceu!"

Depois de desagrilhoado, Sócrates fala aos amigos reunidos a sua volta um pouco sobre o prazer e a dor; porém, solicitado por Cebes a discursar sobre a morte, diz: "E, com efeito, talvez convenha particularmente aos que devem transladar-se para o além a tarefa de empreender uma investigação sobre essa viagem e de relatar, num mito, o que julgamos ser tal lugar. E por que não? Que poderíamos fazer senão isso, durante o tempo que nos separa do por do sol?"

Quando Sócrates comenta a facilidade com que os verdadeiros filósofos consentiriam em morrer, Cebes replica, julgando ter a conversação sido conduzida a um paradoxo: "Mas a coisa toma outro aspecto no que tange o que há pouco dizias, acerca da facilidade com que os filósofos consentiriam em morrer. Isso, Sócrates, parece-me uma inconsequência, se e que há boas razões para afirmar o que dizíamos faz poucos instantes: que nos encontramos sob a tutela da divindade, e que em nos tem uma de suas propriedades. Que não haja irritação de parte de homens sensatos, quando se lhes tira essa tutela dos deuses, que são, precisamente, os melhores tutores, e coisa bem difícil de compreender! Não é crível, em tais circunstâncias, que alguém, em liberdade, possa encontrar maiores vantagens em sua própria autonomia. É possível que alguém,

destituído de inteligência, possa ter essas idéias e, desse modo, fuja a seu dono sem refletir que, quando este é bom, não se deva escapar a sua autoridade mas, ao contrario, ficar o mais possível junto a ele. Fugir, pois, seria mostra de falta de reflexão por parte de tal homem. E quanto ao que tem inteligência, sem dúvida alguma teria o desejo de encontrar-se incessantemente ao lado de quem vale mais do que ele próprio. Ora, Sócrates, desta forma, o que é natural é justamente o contrario do que dizíamos há pouco. Aos homens sensatos convém irritar-se quando morrem; aos insensatos, alegrarem-se".

O que segue, no diálogo de Platão, exprime a viva convicção de Sócrates na existência da alma e são, talvez, as mais belas páginas, jamais escritas, sobre a imortalidade da mesma.

Respondendo a Cebes, Sócrates assevera: "Sim, confesso-o, Símias e Cebes, eu cometeria um grande erro não me irritando contra a morte, se não possuísse a convicção de que, depois dela, vou encontrar-me, primeiro, ao lado de outros deuses, sábios e bons; e, segundo, junto a homens que já morreram e que valem mais do que os daqui. Mas, em realidade, ficai sabendo que, se não me esforço por justificar a esperança de dirigir-me para junto de homens que são bons, em troca hei de envidar todo esforço para defender a esperança de ir encontrar, depois da morte, um lugar perto dos deuses, que são amos em tudo excelentes, e, se há coisa a que me dedique com todas as minhas energias, será essa! Assim, por conseguinte, não tenho razões para estar irritado. Mas, ao contrario, tenho a firme convicção de que depois da morte há qualquer coisa - qualquer coisa, de resto, que uma antiga tradição diz ser muito melhor para os bons do que para os maus".

Requisitado a explicar sobre tais pensamentos, continua: "... devo agora prestar-vos contar, expor as razões por que considero que o homem que realmente consagrou sua vida a filosofia e senhor de legítima convicção no momento da morte, possui a esperança de ir encontrar para si, no além, excelentes bens, quando estiver morto!"

Na explicação do que afirmara, começa perguntando se a morte não é apenas a separação da alma e do corpo, se não é verdade que "estar morto consiste nisso; apartado da alma e separado dela, o corpo isolado em si mesmo. A alma, por sua vez, apartada do corpo e separada dele, isolada em si mesma?" Argumenta sobre a inutilidade do corpo "quando se trata de adquirir, verdadeiramente, a sabedoria" e

arremata: "O corpo de tal modo nos inunda de amores, paixões, temores, imaginações de toda sorte, enfim, uma infinidade de bagatelas - que por seu intermédio (sim, verdadeiramente, é o que se diz) não recebemos, na verdade, nenhum pensamento sensato; não, nem uma vez sequer! (...) Por sua culpa ainda, e por causa de tudo isso, temos preguiça de filosofar. Mas, o cúmulo dos cúmulos está em que, quando" conseguimos, de seu lado, obter alguma tranquilidade para voltar-nos, então, ao estudo de um objeto qualquer de reflexão, súbito nossos pensamentos são, de novo, agitados em todos os sentidos por esse intrusão que nos ensurdece, tonteia e desorganiza, ao ponto de tornar-nos incapazes de conhecer a verdade". Mas, a respeito da alma argumenta: "Inversamente, obtivemos a prova de que, se alguma vez quisermos conhecer puramente os seres em si, ser-nos-á necessário separar-nos dele e encarar, por intermédio da alma em si mesma, os entes em si mesmos. Só então é que, segundo me parece, nos há de pertencer aquilo de que nos declaramos sedentos: a sabedoria. Sim, quando estivermos mortos, tal como indica o argumento, e não durante nossa vida! Se, com efeito, e impossível, enquanto perdura a união com o corpo, obter qualquer conhecimento puro dos seres em si, então, de duas uma: ou jamais nos será possível conseguir de nenhum modo a sabedoria, ou a conseguiremos apenas quando estivermos mortos, porque nesse momento a alma, separada do corpo, existirá em si mesma e por si mesma - mas nunca antes. Além disso, por todo o tempo que durar nossa vida, estaremos mais próximas do saber, parece-me, quando nos afastarmos o mais possível da sociedade e união com o corpo (...). E quando, dessa maneira, atingirmos a pureza, pois que então teremos sido separados da demência do corpo, mui verossimilmente, ficaremos unidos a seres parecidos conosco; e, por nos mesmos, unicamente por nos mesmos, conheceremos, sem mistura alguma, tudo o que é. E nisso, provavelmente, é que há de consistir a verdade. Com efeito, é lícito admitir que não seja permitido apossar-se do que é puro, quando não se é puro (...)

Mas a purificação não é, de fato, justamente o que diz uma antiga tradição? Não é apartar o mais possível a alma do corpo, habitua-la a evitá-lo, a concentrar-se sobre si mesma (...), a viver tanto quanto puder, seja nas circunstâncias atuais, seja nas que se lhe seguirão, isolada e por si mesma, inteiramente desligada do corpo e como se houvesse desatado os laços que a ele prendiam? (...). Ter uma alma desligada e posta à parte do corpo, não é esse o sentido exato da palavra "morte"?"

A conversação prossegue num fluxo contínuo. Da boca de Sócrates jorra o precioso líquido da sapiência. Seus discípulos bebem-no avidamente, conscientes da derradeira dose.

Sócrates discursa, depois, sobre a geração dos contrários, concluindo: "Nada há, com efeito, Cebes, que, conforme meu próprio modo de pensar, seja mais verdadeiro do que isso; e não erramos, creio, ao ficar de acordo a esse respeito. Não, aí estão estas coisas bem reais; o regresso à vida, o fato de que os vivos provêm dos mortos, de que as almas dos mortos têm existência, e - insisto neste ponto - de que a sorte das almas boas é melhor, e pior a das almas más".

A seguir, repassam o mais famoso dos argumentos sobre a imortalidade da alma; de que afirma ser "nosso nascimento apenas um sono e um esquecimento", que reitera que aprender e recordar o conhecimento que deve ter sido ganho em uma outra vida, ou, no dizer do poeta: "a alma que sente e faz conhece / Só porque lembra o que esqueceu".

Por fim, Sócrates junta uma nova idéia. A alma é imortal porque pode perceber e compartilhar da verdade, da bondade e da beleza, que são eternas. O homem pode conhecer deus porque tem nele algo próximo ao eterno, que não pode morrer.

Isso é aceito por todos os presentes, mas, caracteristicamente, ele conclui: "Pois bem, meu caro Símiás, são estas as realidades, cuja exposição fizemos por alto, e que nos devem levar a tudo fazermos por participar da virtude e da sabedoria nesta vida. Bela é a recompensa e grande a esperança! Entretanto, pretender que essas coisas sejam, de fato, exatamente como as descrevi, eis o que não será próprio de um homem de bom senso! Mas crer que é uma coisa semelhante o que se dá com nossas almas e o seu destino - porque a alma é evidentemente imortal - eis uma opinião que me parece boa e digna de confiança. Belo será ter essa coragem!"

Logo termina o longo colóquio.

O veneno é tomado.

As últimas palavras de Sócrates espelham, melhor do que todos os argumentos, aquilo em que acreditava. Sentindo que o efeito do veneno, que lhe subira pelas pernas e baixo ventre, estava próximo. a tocar-lhe o coração, diz: "Crítón, devemos oferecer um galo a Asclépio". Era costume grego que, quando alguém se recuperava de uma doença, deveria fazer uma oferta ao médico divino, Asclépio. Assim, Sócrates indicava estar-se recuperando, estar caminhando, não para a morte, mas para a vida.

"Ao cabo de breve instante, Sócrates fez um movimento. O homem então o descobriu. Seu olhar estava fixo. Vendo isso, Críton cerrou-lhe a boca e os olhos".

Ao Mario também a Sorte o condenara ao mortal veneno por ser, como Sócrates, obediente apenas aos ditames da voz interior de sua consciência, o defensor de um conceito de bem-aventurança atingível nesta vida, graças a força interna do homem, baseada só na incessante tendência ao aperfeiçoamento de nosso próprio ser.

Ele que, como Sócrates, poderia proclamar: "Quanto mais medito em minha arte, mais a exerço; quanto mais penso e faço, mais construo e me construo, mais sofro e me regozijo; e mais me sinto eu mesmo, com volúpia e clareza sempre mais precisas. Perco-me em minhas longas esperas; reencontro-me nas surpresas que me causo; e, por meio desses degraus sucessivos de meu silêncio, avanço em minha própria edificação; aproximo-me de tão exata correspondência entre meus desejos e minhas forças que tenho a impressão de haver feito da existência que me foi dada uma espécie de obra humana"; ele, por isso mesmo, estava condenado.

Ele que talvez não sentisse "necessidade alguma das belezas materiais do mundo", mas que apreciava como ninguém a doçura da brisa, o esplendor do céu, os mananciais de água cristalina, a sombra delicada das árvores, que tudo eram ornamentos de suas meditações, "fronteiras prazerosas de suas dúvidas, terreno favorável de seus passos interiores"; ele, também por isso, estava condenado.

Ele a quem todos admirávamos, belo em sua fealdade adorável, pensamento todo poderoso; ele que alimentava os pássaros, amava as rosas, as crianças, os amigos; ele que venerava o trabalho; ele, ainda por isso estava condenado.

Ele que conhecia o caminho do campo que um alto carvalho, de passagem, saudava; ele que sabia, com o carvalho, o que significa deveras crescer, que crescer, de tudo o que funda e perdura, e "abrir-se à amplidão dos céus, mas também deitar raízes na obscuridade da terra"; ele que defendia que "tudo o que é verdadeiro e autêntico somente chega à maturidade se o homem for, simultaneamente, ambas as coisas: disponível ao apelo do mais alto céu e abrigado pela proteção da terra que oculta e produz"; ele, principalmente por isso, estava condenado.

Para ele o navio sagrado chegara de repente, pela madrugada. E, mal rompido o dia, as mãos do Fado trouxeram-lhe o veneno das decepções constantes, das insanáveis injustiças, de tudo o que seu alto ideal condenava e que seu frágil físico era impotente

para suportar. O infarto, cicuta atroz, tocou-lhe o nobre coração.

Talvez tenha carregado sozinho, na erma noite, o que lhe reservara a Sorte. Nunca fora de perturbar os outros. Nascida a manhã, chegada a hora conveniente do despertar alheio, o sinal foi dado. Pouco propício o quadro. O infarto já se estendera muito. Inevitável o desfecho.

Encontrei-o no hospital, esse edifício assustador como a prisão, cujo "silêncio das solitárias superfícies é apenas, de quando em quando, rompido pelo ranger de misteriosa porta, ou pelos tristes sons" que se produzem| nas trevas do sofrimento humano.

Achei-o ainda lúcido, depois de duas paradas cardíacas. Mas o encontro foi breve. Não me foi possível, como ocorrera aos discípulos de Sócrates, ouvir de Mario, longamente, as crenças e as verdades derradeiras.

Faltou-nos o tempo das palavras. Bastou-nos, porém, o tempo do olhar. Na noite eterna que se aproximava, na "noite antiquíssima e idêntica, noite igual por dentro ao silêncio, noite com seu vestido franjado de Infinito, noite mão fresca sobre a testa em febre dos humildes, sabor de água sobre os lábios secos dos cansados", nessa noite de sono e de segredo seus tranquilos olhos azuis testemunhavam a imortalidade da alma.

Depois, houve um leve movimento. Cerraram-se-lhe a serena boca e os mansos olhos e eu, como Críton, poderia dizer:

"A morte de nosso amigo acontecia, do homem, como diríamos, dos que desse tempo pusemos a prova, o melhor e, além disso, o mais sensato e o mais justo".

II

Fio bem frágil!

Dás, contudo,

A ilusão do aço.

Pois sustentar parece,

Com a tensão precisa,

Ambições pesadas

E pesados medos.

No entanto,

Ó Vida

És apenas isso,
Um fio bem frágil
Que se parte fácil
A mais leve brisa.

A Vida

Mario Tourasse Teixeira nasceu aos 11 de setembro de 1925, na cidade do Recife, filho de Eduardo Machado Teixeira e de Luiza Tourasse Teixeira.

O pai, português, ao contrário do que então se fazia, viera ao Brasil estudar medicina, na antiga capital de República. A mãe, filha de franceses era natural de Botucatu, interior do Estado de São Paulo.

Quantos traçados da Fortuna, quantas pequenas coincidências, quantos arranjos do Acaso são necessários para o encontro de duas pessoas!

A família Tourasse mudou-se de Botucatu para São Paulo e, depois, para o Rio de Janeiro. Ali, Eduardo e Luiza conheceram-se, apaixonaram-se, casaram-se.

Com a responsabilidade da nova situação e, provavelmente, com o pejo de continuar a ser mantido pelos seus, Eduardo resolve deixar a Faculdade de Medicina no 4º ano e mudar-se, com a esposa, para o Recife. Naquela cidade, Eduardo tinha dois irmãos, um dos quais, Artur Gomes Teixeira, o mais velho, era sócio em uma Empresa Atacadista de Máquinas e Ferramentas. Aceitara um bom posto nessa firma. No correr de poucos anos nascem os três filhos casal: Eugenio Machado Teixeira, Mario Tourasse Teixeira e Helena Tourasse Teixeira.

Desse modo, Mario veio ao mundo no Recife, onde passou os seis primeiros anos de vida, aqueles que, mesmo ausentes da mente, jamais saem do coração. Assim, o Capiberibe e o Capibaribe corriam-lhe, indelevelmente, nas veias e, na alma, morava-lhe, para sempre, o Recife de Manuel Bandeira, "o Recife sem história nem literatura", o "Recife sem mais nada", o Recife de sua primeira e duradoura infância.

Oito anos após sua ida para o Nordeste, esse português, que parece nutrir-se do atávico sentimento das grandes navegações lusitanas, das grandes conquistas, dos homens nos mastros a anunciarem terra à vista, esse português por-se-ia ao largo da proteção fraterna e regressaria, com a família, ao Rio, disposto a conquistar seu mundo. Então, labora e ora, ora e labora, que essa, mais do que a divisa dos monges de São

Bento, era a bandeira dos que "fariam a América".

Há; no entanto, que se dar tento ao poeta, quando avalia: "Triste de quem é feliz! /Vive porque a vida dura. / Nada na alma lhe diz / Mais que a lição da raiz - / Ter por vida a sepultura". A tísica, esse grande mal dos românticos, essa terrível doença do final do século passado, que consumiu, nas primeiras décadas do nosso, muito trabalhador obstinado, abateu a alegria de Eduardo e, se não lhe diminuiu os sonhos, certamente acrescentou pesadelos a seus últimos dias. Ele faleceria em 1946, aos 59 anos de idade.

Sua doença e sua morte atingiram inexoravelmente a vida de seus filhos, do mesmo modo que, num colar de contas ajustadas, a remoção de uma delas afeta a posição de todas as outras.

Como Eugênio não conseguisse, sozinho, dar conta do sustento da casa, Mario associa-se a ele nesse empenho, indo trabalhar como controlador de vôo, primeiro no aeroporto "Santos Dumont", no Rio de Janeiro, e, depois, no aeroporto de Belém do Para.

E claro que esse desvio de percurso transtornou-lhe, um pouco, os planos de estudo. Sua formação escolar tem passagens pelo Ginásio "28 de Setembro", no bairro do Riachuelo, Rio de Janeiro, educandário ainda então dirigido por seu fundador, o general aposentado Liberato Bittencourt, e pelo Colégio "Veiga de Almeida", no bairro da Tijuca.

Entre seus documentos, há um Certificado de Exames de Promoção (Decreto - Lei nº 4244, de 9 de abril de 1942) do Colégio Pedro II - Externato, em que Clóvis Monteiro, Diretor, certifica, em 4 de novembro de 1958, que, as folhas 70 do Livro 1 ° de atas dos exames finais da 4a. Serie Ginasial, consta ter Mario Tourasse Teixeira, natural do Estado de Pernambuco, com 20 anos, sido aprovado, em Janeiro de 1946, nas seguintes matérias e com as seguintes medias: Português 6,0; Latim 8,25; Francês 8,0; Inglês 8,5; Matemática 8,25; Ciências 6,0; Historia Geral e do Brasil 9,0; Geografia do Brasil e Geral 5,0; Desenho 6,0; sendo 7,2 a Media Global.

Outro documento, este da Diretoria do Ensino Secundário, descreve assim seus passos no Curso Científico: 1ª. Série, ano letivo de 1946, Colégio Estadual Paes de Carvalho, Belém do Pará - Média Geral de aprovação: 6,5; 2a. Série, ano letivo de 1947, Colégio Rabelo, no, então, Distrito Federal - Média Geral de aprovação: 6,5; 3a. Série, ano letivo de 1948, Colégio Rabelo - Média Geral de aprovação: 7,6.

Por esse tempo, Mario já sofria o assédio da mesma doença que lhe roubara o pai. É-lhe necessária uma longa convalescença, depois de uma extensa cirurgia, que lhe desfigurou o porte, marcando-o para sempre, e justificando a observação de Byron : "A recordação da alegria já não é alegria / Enquanto a da tristeza ainda e tristeza".

Em 1951, ingressou no Curso de Matemática da antiga Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, com o seguinte resultado no Exame Vestibular: Português 7,5; Matemática 5,0; Física 5,2; Inglês 10,0; Desenho 7,0; Média Global 6,56.

Em 27 de dezembro de 1954 colou grau de Licenciado em Matemática, em uma turma de que também participaram Constantino de Barros, Jorge Emmanuel Ferreira Barbosa e Odelar Leite Linhares.

Aos 11 de agosto do ano seguinte, foi designado, pela Portaria n° 51 de Antonio Carneiro Leão, Diretor da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, nos termos do Artigo 86 do Regimento daquela Universidade, sem proventos, Auxiliar de Ensino da Cadeira de Análise Matemática e Análise Superior, função que, segundo Certidão de 6 de Janeiro de 1959, desempenhou "com muito zelo e entusiasmo".

Um ano e meio depois, de março de 1957 a fevereiro de 1959, de acordo com Declaração do Diretor Científico do Conselho Nacional de Pesquisa, Antonio Moreira Couceiro, usufruiu de uma Bolsa de Estudo dada por aquela Agenda, para "aperfeiçoar-se em Lógica Matemática e Fundamentos de Matemática com o Professor Edison Farah, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo". A indicação para esse estágio fora do Prof. Leopoldo Nachbin.

Naquela época, por iniciativa do Governo Carvalho Pinto, o estado de São Paulo procurava descentralizar o ensino de 3° grau, levando-o ao interior, por meio da instituição dos Estabelecimentos Isolados de Ensino Superior. Assim Mario, por sugestão do Prof. Farah e convite do Prof. Nelson Onuchic, veio a integrar, na qualidade de Regente de Cadeira, a partir de 1959, o corpo docente do Departamento de Matemática e Física da recém-criada Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro. Foi essa a agora, de onde, por mais de trinta anos, com seu falar manso, sua pureza de alma, sua sensatez, seu fino senso de humor, sua bondade e sua penetrante inteligência, tocou as mentes e os corações de seus alunos e de seus amigos. Ao mudar-se para Rio Claro, traz consigo sua esposa, que conhecera em São Paulo, Josefa de

Souza Teixeira.

Já lecionando nessa cidade, fez um Estágio de Especialização em Álgebra da Lógica e em Funções Recursivas na Universidade Nacional del Sur, Bahia Blanca, Argentina, com os professores Antonio Monteiro e Jean Porte, de agosto de 1960 a fevereiro de 1961. Da associação com o Prof. Monteiro, nasceria sua Tese de Doutorado, "M-Álgebras".

Em um "Curriculum Vitae", por ele preparado em 1980, encontramos arrolados os seguintes trabalhos:

"O operador de consequencia de Tarski e estruturas algébricas associadas ao cálculo proposicional intuicionista", Boletim da Sociedade de Matemática de São Paulo, 13(1961), 67-74.

"As funções recursivas e os fundamentos da Matemática", Gazeta Matemática, 22(1961), 12-16.

"Caracterização de condicionais pelo operador de consequencia", Atas do III Colóquio Brasileiro de Matemática, Fortaleza, 1961.

"Operador de complemento", Atas da 2ª. Semana Fluminense de Estudo e Ensino da Matemática, Niterói, 1964.

"M-Álgebras", Atas do IV Colóquio Brasileiro de Matemática, Poços de Caldas, 1965.

"M-Álgebras", Tese de Doutorado, FFCL-USP, 1965.

"Estruturas Livres", Atas da 2ª. Semana Fluminense de Estudo e Ensino da Matemática, Niterói, 1966,

"Matrizes separadoras", Atas do V Colóquio Brasileiro de Matemática, Poços de Caldas, 1967.

"Algumas idéias sobre Lógica e Fundamentos de Matemática", 1º Encontro Nacional de Lógica Matemática, Niterói, 1974.

A pequena produção não retrata tão profundo pensador. Mas a explicação é simples. Mario resolvera, desde cedo, como fazia, aliás, com tudo o que era seu, partilhar com os outros suas idéias e suas descobertas. Assim é que orientou os doutoramentos de Irineu Bicudo ("Sobre o conceito de dualidade em matemática"), Eurides Alves de Oliveira ("Universos ordenados") e Albrecht Gerhard Hoppman ("Fecho e imersão") e um grande número de mestrados na UNICAMP, na Universidade

Federal Fluminense e na UNESP-Rio Claro. Desses, é possível citar: "Simetria e ordem", Antonio Engler; "Fechos caracterizados por interpretações", Ítala Maria L. D'Ottaviano; "Sobre as lógicas polivalentes", Ilka Dias de Castro; "Operações, fechos e objetos típicos", Leila Mendes Assumpção; "Estruturas geradas por relações", Helena Maria O. L. e Silva; "Separação no plano afim", Márcia Dietzius; "Um reexame dos inteiros", Manoel L. C. Teixeira; "O conjunto W_3 ", Abaúma Busmayer; "Compatibilidade de fechos", Paulo J. M. Teixeira; "O papel do raciocínio dedutivo no ensino da matemática", Cláudia Coelho de Segadas Vianna; "Ideologia e contra-ideologia na formação do professor de matemática", Geraldo Antonio Bérgamé; "O evocativo na matemática - uma possibilidade educativa", Maria da Conceição F. R. Fonseca; "Aprendiz de matemática - uma iniciação ao método axiomático", Wilson Pereira de Jesus; "Uma proposta alternativa para a pré-alfabetização matemática de crianças portadoras de deficiência auditiva", José Carlos G. de Oliveira.

Ainda em seu imenso desejo de ensinar, escreveu inúmeros textos destinados ao professor secundário de matemática, histórias em quadrinhos, com o mesmo propósito e peças teatrais.

Mario foi um arquiteto de sonhos. Sabia que sonhar "e ver as formas invisíveis / Da distância imprecisa, e, com sensíveis / Movimentos da esperança e da vontade, / Buscar na linha fria do horizonte / A árvore, a praia, a flor, a ave, a fonte-/ Os beijos merecidos da Verdade".

Mario foi um lógico, tanto em seus trabalhos como em sua orientação. Porém, ser um lógico não lhe satisfazia as aspirações. Em seu mister de criar e criar-se, em sua busca do outro, para associado no ato criativo, Mario foi mais do que um lógico; foi, como Sócrates, um Educador. Sempre esteve consciente de que há, no homem, muitas sementes que jazem não desenvolvidas, e de que é missão da verdadeira Educação "faze-las crescer, e ver que o homem cumpra seu destino". Compreendeu, mais do que qualquer um, que "a lição socrática de geometria, no Ménon de Platão, é uma lição de humanidade; por isso Sócrates sustenta que a humanidade, no homem, não é um produto importado do exterior". Para Mario, a intervenção do Mestre só poderia ser no sentido do desvelamento do ser humano, "tal como em si mesmo a humanidade o muda". Teve para si que "a palavra do Mestre é uma palavra mágica", que "ao apelo de um espírito, outro espírito desperta", que pela graça de um encontro, uma vida pode ser

mudada. Mario entendeu o mistério do Ensino. Como Sócrates, acreditou que "a verdade nunca pode ser dádiva de um homem a outro homem", que a "verdade só pode surgir como resultado de uma busca e de uma luta que cada um de nós tem que travar consigo próprio, por sua própria conta e risco". Defendeu incessantemente que "o melhor Mestre não é o que se impõe, o que se afirma como dominador do espaço mental, mas, muito pelo contrário, o que se torna aluno do seu aluno; aquele que tenta despertar uma consciência a ainda ignorante de si própria e guiar o desenvolvimento dela no sentido que mais lhe convém". Em todos os seus longos anos de magistério, em vez de captar boas-vontades inocentes, Mario buscou, acima de tudo, respeitar a espontaneidade dos jovens espíritos que tinha, por dever, libertar. Para ele, o alvo da Educação sempre foi tornar o Simples ainda mais simples, pois "o que é sempre o Mesmo desenraiza e liberta". Para ele, a Educação falava da "renúncia que conduz ao Mesmo", renúncia essa que não tira, mas dá - "dá a força inesgotável do Simples".

Fernando Pessoa pondera:

"Se, depois de eu morrer, quiserem escrever a minha biografia,

Não há nada mais simples.

Tem só duas datas - a da minha nascença e a da minha morte.

Entre uma e outra coisa todos os dias são meus.

Sou fácil de definir.

(...)

Um dia deu-me o sono como a qualquer criança.

Fechei os olhos e dormi".

Com certeza, em sua imensa modéstia, Mario diria a mesma coisa.

Ao poeta, porém, o ser Poeta preencheu-lhe todos os dias entre aqueles dois limites, e alterou os rumos da cultura portuguesa. A Mario, o ser Educador ocupou-lhe a vida e influenciou os destinos de seus alunos. Por isso, ele também é fácil de definir.

Mario Tourasse Teixeira, um Educador de corpo inteiro.

No dia 12 de junho de 1993, deu-lhe o sono como a qualquer criança. Fechou os olhos e dormiu.